

O IMAGINÁRIO DO JARDIM E A CORPOREIDADE DOS AMANTES

THE IMAGINARY OF THE GARDEN AND THE CORPOREITY OF LOVERS

Pierre Normando Gomes-da-Silva

Universidade Federal da Paraíba

Eunice Simões Lins Gomes

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Este artigo é um ensaio teológico que analisa o relato bíblico da criação, a partir da teoria geral do imaginário. Descreve o início da constituição de duas corporeidades eróticas, configuradas em corporeidades do transbordamento e da possessão. A pesquisa é descritiva e exploratória tendo como método de análise a hermenêutica simbólica. Consideramos que o imaginário do jardim é próprio de homens e mulheres que optam por não querer ocupar o lugar do Jardineiro, que termina por desdobrar-se numa ostentação da agressividade viril, e mantém-se conciliados num face a face do desfrute consigo, com o outro, com o entorno, portanto, conciliados com Deus.

Palavras-chave: erótica, imaginação, corpo.

Abstract: This article is a theological essay which analyzes the biblical creation narrative from the perspective of the general theory of the imaginary. It describes the inception of the constitution of two erotic corporeities, configured in the corporeities of overflow and possession. The research is descriptive and exploratory and utilizes as its method the symbolic hermeneutic analysis. We consider that the imaginary of the garden is relevant to men and women who opt not to usurp the place of the Gardiner, which action might elicit the ostentation of a virile aggressiveness, rather there is a face to face conciliation process in which the individual is reconciled to him or herself, the other, the environment, and finally therefore, to God.

Keywords: erotic, imagination, body.

Introdução

Inicialmente dois pontos precisam ser pinçados para que se possa compreender a relação, aqui criada, entre a exegese bíblica da criação e a constituição da corporeidade humana, vivenciada nas relações eróticas. “Corporeidade é o contorno criado pela experiência do corpo ao dirigir-se à circunvizinhança. E essa trajetória descrita pelos gestos no espaço, entre o eu e o mundo, expressam certa maneira de ser no mundo”. (GOMES-DA-SILVA, 2011, p. 32). A corporeidade, ou o contorno espacial dos movimentos, se torna visível nas escolhas, nas tomadas de posições efetivas e na prática do sujeito vivo em face do mundo, porque é por meio de atitudes que ele configura o entorno e se

comunica numa espacialidade da situação existencial.

O primeiro elemento a ser considerado diz respeito a vivência do amor no jardim. Percebemos, a partir dos relatos de Gênesis (capítulos 1 e 2), que todas as experiências de encontro do primeiro casal se dão no jardim de Éden, em meio à beleza, a fartura e a exuberância do local. “O jardim é o lugar dos amantes, cúmplice de seus encontros e paixões [...] é o lugar onde o amor acontece” (Gallazi, 1992, p.41). Sendo assim, a imagem produzida do paraíso, no contexto teológico, é de um lugar de delícias. É ambiente constitutivo de uma corporeidade conciliada consigo, com o outro e com o entorno e com Deus, a partir de uma experiência erótica de transbordamento.

Transbordamento é um sentido que tomamos emprestado dos evangelhos quando Jesus, em conversa com a mulher samaritana diz, “A água que lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (João 4:14b). Ou quando diz: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10). Água da fonte é aquela que jorra, que transborda. Assim, a corporeidade do transbordamento é aquela que não está contida, presa, estagnada, mas salta para a vida eterna.

O poema da criação, na tradição javista, registrado em Gênesis (2:4b-3:24), é uma narrativa que apresenta o caos como sendo uma terra seca e sem vida, a partir do qual Deus o transforma plantando um jardim. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre[...] isso será vosso alimento [...]. Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que modelara para o cultivar e guardar” (Gn.1:26-30 e 2:15- Bíblia de Jerusalém-BJ). Dominar, cultivar e guardar. Em meio ao deserto, a estepe, Deus apresenta-se como o Deus da Vida, plantando um jardim, regando a terra e criando um espaço para o deleite. Um jardim que nutre o corpo, alegra a alma e transborda o espírito. O jardim foi criado antes do homem, portanto, ele não é senhor do local, mas foi colocado nele para aprender a se relacionar com o entorno. Assim, as imagens do paraíso constituem numa memória de conciliação, ao tempo que reverbera como um grito de esperança e apelo à transformação do mundo.

Dominar, nesse contexto, não significa subjugar, mas é cuidar e guardar. Dominar significa compreender que o entorno é seu mantimento. Dominar não é fazer do jardim uma possessão. O entrono é mantimento, não é posse, usurpação do direito vivo de viver, porque se for assim haverá a destruição do próprio destruidor. Terra, sementes, aves, peixes, animais rastejantes, tudo está interligado pelo mantimento. O entorno é alimento. Aprender a se responsabilizar pelo entorno é uma lição difícil de aprender, até nos dias de hoje parece que não conseguimos. Ainda estamos às voltas com o “desenvolvimento sustentável”.

Dominar também pode significar ter domínio sobre si na relação com o jardim em que foi plantado. Aprender a conviver é o melhor sentido para o dominar. “Do convívio homem-natureza nasce a responsabilidade de cuidar dos ecossistemas, de ajudar a que se regenerem e de manter as condições ecológicas para a sua ulterior evolução” (Boff, 2006, p.94). Por isso, Éden, na simbologia hebraica, é interpretado como oposto ao deserto, como lugar de fartura. Éden foi traduzido para o grego, na septuaginta, como paraíso, como o jardim de Deus (Ez.28:13; 31:9). É um paraíso na terra, que em meio ao inóspito da terra seca conflui um rio caudaloso.

A água chega e circula no jardim por meio de quatro braços do rio. A água é a matéria-mãe, todas as coisas nascem dela e por ela se constituem. (Gomes, 2011). A imagem do rio com as águas correndo agradecidas, circulando o jardim é símbolo de vida. Antes da criação da luz, as trevas cobriam as águas originais, e um Vento pairava sobre as águas (Gn1,2). A água original se torna água de vida, “um rio saía do Éden para regar o jardim” (Gn2,10). O paraíso é lugar com água doce, com palmeiras a margem, aves pernaltas, um frescor de fim de tarde, Deus passeando por entre as folhagens, as copas das árvores dançando, frutos deliciosos e ricos minerais.

Neste jardim árvore e frutos são abundantes. O jardim, no texto sagrado, não é apenas de flores e roseiras, mas lugar onde a vida floresce em abundancia, com oferta de prazeres. Espaço onde verdeja a felicidade, constituindo uma corporeidade do homem e mulher conciliados com a natureza, consigo mesmo e com o outro. Por isso, em termos simbólicos, o paraíso “é o centro do cosmo”, um lugar celeste que pode ser experimentado no plano terreno (Heinz-Mohr, 1994, p.187).

Esclarecemos que em termos metodológicos estaremos utilizando a hermenêutica simbólica de Durand (2001), ou seja, para desenvolver a análise das imagens do texto sagrado, construímos algumas etapas:

primeiro, foi realizado uma leitura analítica do texto selecionado, delimitando a seleção as imagens referentes ao estudo. Em seguida, tomamos as imagens em seus enraizamentos simbólicos para chegar ao húmus antropológico universal, numa operação crítica de interpretação. Por fim, numa “exegese simbólica” (Girard, 2005), derivamos da letra/texto e nos dirigimos a sua significação. Rompemos assim com a exegese literal, deixando que o próprio texto apresente seu sentido simbólico. No entanto, esclarecemos as possíveis armadilhas que a interpretação de um texto nos coloca, quando ficamos em infundáveis interpretações, pois como afirma Eco (1993, p.41) “um texto é um universo indefinidamente aberto que o interprete pode descobrir interligações infinitas [...]”.

Desse modo, nossa abordagem das narrativas bíblicas não foi de forma explicativa, no sentido de retirar as incógnitas. Mas descrevemos as formas simbólicas ou o modo de organização interna das imagens (Maffesoli, 1998), a partir de uma leitura na teoria do imaginário de Durand (2001). No entanto, como o texto é sempre manifestação do símbolo, seja no seu sentido latente (figurado), ou em sua significação patente (ideológica), encontramos alguns obstáculos de interpretação para identificar a pregnância mítica que se faz presente no texto (Gomes, 2010). Apoiados em Durand (2001), entendemos que esta análise amplia a soma de saberes disponíveis para compreensão da sociedade, na medida em que aprofunda os estudos do imaginário, como capital pensado do humano.

Configuração da erótica no jardim: por uma corporeidade transbordante

O jardim foi criado para que o homem pudesse usufruir a vida transbordante, por isso a árvore da vida ocupava o seu centro. É do centro que a vida se irradia para toda a circunvizinhança. A árvore do centro do jardim é simbólica, porque ao estar ao centro tudo o mais se coloca ao redor. O centro implica um movimento circular do entorno. Assim, a árvore no centro, o jardim adquire a topografia de uma flor, no centro um

gineceu, de onde irradia as pétalas. No centro está a vida. A vida que brota do centro do jardim é o próprio Deus. Tudo o mais é complementar: as árvores frutíferas, o fruto do conhecimento, os animais sendo nomeados, as aves rasgando os céus, o homem e mulher se amando, os vegetais florindo e os minerais colorindo a terra. Nesse ambiente, cujo centro é a vida, a corporeidade humana foi se constituindo em transbordamento, em viver desfrutando do entorno como mantimento.

Deste centro, diz o texto sagrado que: “Um rio saia do Éden para regar o jardim, e lá se dividia para formar quatro braços”. (Gn.2:10). Ter um núcleo central (árvore da vida) e quatro elementos (os braços do rio) é a expressão simbólica da mandala. Explica Jung (1984, p.38):

Mandala significa círculo e particularmente círculo mágico. As mandalas não se difundem somente através do Oriente, mas também são encontradas entre nós, no Ocidente. A Idade Média [...] é rica em mandalas cristãs. Em geral o Cristo é figurado no centro e os quatro evangelistas ou seus símbolos, nos pontos cardeais.

Nesse lugar onde a vida é abundante, Deus colocou o homem para configurar sua humanidade, em que tudo estava ao redor do altar da vida, formando uma unidade de consciência e vida.

Nasce o jardim, pela ação de Deus que vence o deserto, que transforma a inóspita terra seca e infrutífera, em vida abundante. A corporeidade humana, vivendo aí, vai sendo moldada pela ambiência, pelo entorno amoroso, na proximidade da árvore da vida que cresce num soberbo jardim de delícias. Essa interação vai constituindo um modo de ser humano também soberbo de delícias, de vivacidade transbordante. Sobre essa interação diz o místico medieval, Jacob Boehme, em 1612:

A terra onde essa árvore se encontra lhe dá continuamente sua seiva, que a vivifica, de modo que ela pode crescer por si mesma, tornar-se grande e estender seus majestosos ramos. Ora, assim como a terra, pela sua virtude, opera (ou age) na árvore

para que cresça e se desenvolva, assim também a árvore com seus ramos age incessantemente com todo o seu poder, para dar bons frutos em abundância. (Boehme, 1998, p.21).

Além do mais, é um jardim belíssimo, irrigado por um rio de águas límpidas, dividido em quatro braços que banham as terras de Háliva, Cuch e Assíria. Quatro direções que simbolicamente aludem às quatro regiões do céu, descritas no apocalipse. O quatro é muito presente na simbologia bíblica, lembramos apenas dos quatro evangelistas, que descrevem a totalidade de Cristo. De acordo com os padres do deserto: Mateus, o anjo com rosto de homem, simbolizando a natureza humana; Marcos, o leão com seu rugido soberano, símbolo do reino de Cristo; Lucas, o boi, animal sacrificado no templo, representando o caráter sacerdotal de Cristo e João, a águia, simbolizando a natureza divina de Jesus.

Segundo a descrição bíblica, o nome do primeiro rio é Pison, que rodeia toda a região de Havilá, onde se encontra ouro puro, bdélio e ônix oupedra sardônica. Pison significa “fluindo gratuitamente” (Is. 55:1) ou se refere a “crescimento ou aumento”. Na margem do rio Pison havia ouro. O ouro simboliza a natureza e a glória de Deus. Também bdélio e ônix são encontrados ali. O bdélio pode ser traduzido como pérola, segundo alguns intérpretes. Essa pedra aponta para a transformação, pois a pérola é um grão de pó que foi transfigurado.

O nome do segundo rio é Ghion, o qual rodeia toda a terra de Cuche, que hoje é a Etiópia. Gion significa “correnteza forte”, ou “correnteza que arrebenta as margens”. O nome do terceiro é Tigre. A palavra tigre é Hidéquelem hebraico, e significa “rápido”. Esse braço do rio flui da Assíria. Assíria significa lugar plano onde o rio inunda. O quarto rio é o Eufrates. Eufrates em hebraico significa “doce e fértil” ou simplesmente “frutífero”.

Portanto este rio caudaloso que tem correnteza forte, que inunda regiões planas, que é fertilizante por onde passa, representa o rio da

vida. O Jardim também sacia a fome do belo. O movimento das águas transparentes, refletindo o céu, as árvores, os animais e as cores da riqueza. O dourado do ouro, o negro do ônix e o branco leitoso do bdélio, compõem um vasto mosaico colorido.

Estas imagens remetem ao regime diurno, pois estão relacionadas à verticalidade do luminoso. O dourado, o negro e o branco, numa dominante postural, refletem as cores em marcha para o céu. É o regime das matérias luminosas. É o regime da divisão do rio e da separação das terras, refletindo o regime diurno. Aqui os símbolos constelam em torno da noção de potência, de ascensão, da luz combatendo as trevas, tudo se dirige a transcendência (Durand, 2001). Assim, no jardim, a corporeidade humana, foi constituída nessa ambiência de luminosidade, frescura, fartura e encantamento. É numa realização erótica de elevação da potência de ser, de atitude ascensional e de atração.

O jardim também é um lugar de intimidade: “Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para que o cultivasse e guardasse. E Javé Deus ordenou ao homem: você pode comer de todas as árvores do jardim” (Gn.2:15-16 - BJ). Cuidar, guardar e comer são três recomendações, que exigem uma relação amorosa do homem para com o seu entorno. Só é possível cuidar, guardar e comer com o que se mantém relação. Cuidar e cultivar é fazer o jardim crescer, mas tudo de modo sustentável, porque é relacional. É o princípio educativo do cultivo como cuidado e do guardar como intimidade. Não é desenvolver o jardim, fazer construções, dominar, tomar território expandir o negócio, mas é envolver-se com o jardim para expandi-lo, na medida em que se expande.

Vemos a expansão em todos os sentidos, no cultivo da terra, no cuidado com o todo da criação e na convocação para nomeação dos animais. Os animais estavam sem nome, sem significação humana, daí o chamado divino para expansão do homem ao dar nomes aos animais. Os animais não precisavam de nomes, mas sem

estes eles não manteriam relação com os homens. O jardim para se tornar casa, local do aconchego era preciso ser nomeado, cuidado, cultivado e guardado. Estas ações a que o homem foi vocacionado constituem-se em símbolos de intimidade. Pois, com Durand (2001), compreendemos que o homem ao realizar estas ações estava exercitando uma vontade de união e um certo gosto pela intimidade, ou seja, estava situando-se dentro da “Estrutura Mística” no âmbito da deglutição no Regime Noturno.

“O Regime Noturno do imaginário é também chamado de regime da inversão. Se no regime diurno pensa-se na exterioridade, na ascensão, na arma heroica, na busca da luminosidade, na purificação, no regime noturno temos a penetração de um centro, a descida lenta”. (Durand, 2001, p.141). É nesse regime, no plano da intimidade, no estabelecimento das relações com o entorno, transformando-o em casa, que Adão depara-se com a solidão. Diz o texto sagrado:

O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e todas as feras. **Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante.** Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no seu lugar fez crescer carne. Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher e a apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne. Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem (Gn.2:20-23, grifo nosso).

A fartura do jardim, a beleza das cores, enfim, a natureza inteira não satisfazia ao homem, porque o mundo exterior carece de interioridade. O jardim farto e a fome saciada não bastam. O homem se sentia só, mesmo depois da realização de todo o seu trabalho cognitivo de nomeação, do trabalho motor de cultivar a terra e do trabalho afetivo de cuidar dos animais. Então ele interioriza-se, penetra no seu centro, realiza uma descida lenta para encontrar-se com um outro igual/diferente. É dos ossos do homem que a mulher é retirada. Nessa erótica, a mulher, para o homem, é um peixe encontrado no fundo do rio de

si mesmo. E o homem, para a mulher, é a substância a partir do qual ela é retirada de si mesma. É aí que o corpo do homem se sexualiza, quando o corpo da mulher torna-se o centro do que há de mais significativo no universo para ele. O jardim só tornou-se paraíso quando os dois se encontraram, o homem encontrando-se com a mulher em sua interioridade e a mulher encontrando-se em sua exterioridade. Neste relato bíblico, a mulher torna-se a alma do homem e o homem o corpo da mulher. Ele a tem como seu centro e ela o tem como a sua circunferência. É assim que nasce o paraíso, quando ele é entretido por dentro. Como diz Rubem Alves (1999, p.153): “Todo jardim começa com uma história de amor, antes que qualquer árvore seja plantada ou um lago construído é preciso que eles tenham nascido dentro da alma. Quem não planta jardim por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles”.

Esta narrativa bíblica da criação revela o início de uma corporeidade transbordante: quando se sente só, num descontentamento (homem-mulher) que não se resolve diante da beleza, da fartura, da alimentação, do trabalho braçal ou intelectual, mas apenas no face a face erótico de um para com o outro. No momento em que um se vê refletido no outro, em que olham-se mutuamente com paixão, porque vê sua alma refletida no corpo do outro. O homem tem uma fome que não consegue ser saciada em si mesmo, nem na sua relação com o trabalho, ou com os animais ou até mesmo com Deus. Percebemos assim, que o texto sagrado, mesmo tendo sido escrito numa cultura patriarcal, oferece a mulher um valor infinito.

As mãos de Deus agiram modelando a mulher a partir do material resistente do homem, quando ele estava em estado de torpor. Em meio ao torpor, ao devaneio humano, que o Deus amoroso se revela. Era preciso a sonolência de Adão. É preciso o sonho para que o homem se conecte com sua maior carência e potência. É preciso entregar-se nas mãos de Deus, para Ele fazer de uma insatisfação, uma realização.



Figura 1 Jardim das Delícias

Fonte: <http://eversondressler.blogspot.com/2010/03/havila.html>

Foi a partir das funduras da alma masculina, do desejo do seu corpo, dos sonhos dos seus ossos, que a mulher foi constituída. A erótica surge do desejo do corpo por um semelhante/diferente. Eros é junção. Aproximação. Homem e mulher se desejam, querem se pertencer corporalmente, porque foi assim que a erótica os fundou.

No entorpecer do homem Deus vai à habitação do amor, desce às entranhas do humano, vai aos sonhos e retira de lá a substância simbólica do finito para realizar o desejo infinito. Deus foi ao jardim interno do homem para tornar pleno o jardim externo. A criação divina foi se completar a partir da alma humana, do entrelaçar de homem e mulher. É na erótica que o jardim ganha completude. Erótica é jardim interno, localiza-se dentro. Sobre esse jardim interno, ou esta paisagem que é encontrada nas horas entorpecentes que nos fala Adélia Prado:

Há dentro de mim uma paisagem

Entre meio-dia e duas horas da tarde

Aves pernaltas, os bicos mergulhados na água

Entram e não neste lugar da memória,

Uma lagoa rasa com caniços na margem.

Habito nele, quando os desejos do corpo,

A metafísica exclamam:

Como és bonito!

Quero escavar-te até encontrar

Onde segrega tanto sentimento.

Pensas em mim, teu meio-riso secreto

Atravessa mar e montanha,

Me sobressalta em arrepios,

O amor sobre o natural.

O corpo é leve como a alma,

Os minerais voam como borboletas.

Tudo deste lugar

Entre meio-dia e duas horas da tarde (Prado, 1986, p.27)

É desta paisagem interna de Adão que Deus modela Eva. O sono e a modelação tem o sentido do descanso do homem e do trabalho do criador: “Aos seus amados Ele dá enquanto dormem”, diz o salmista. É a impossibilidade de realização do desejo pelo homem sozinho, num autoerotismo narcísico, ou numa relação bestial, ou numa relação com um igual, nem numa atitude escapista frente ao trabalho ou diante do sagrado. A mulher é retirada da costela de Adão, do seu lado, para lhe ser igual, nem do pés para não ser pisada, nem da cabeça para ser dominadora. Mas do lado para ser companheira sobremodo excelente, para ser amada, para ser tratada a candura do soneto e com o vigor da paixão, e ambos exercer a mordomia dss seres criados.

Então o quadro se completa, o jardim é relação com a beleza, a fartura, o trabalho e o

prazer conjugal. Há uma nudez no jardim: “o homem e sua mulher estavam nus, porém não sentiam vergonha” (Gn.2:25). As relações eram vividas sem culpa e sem farsa. Viver a nudez é não ter vergonha de se e nem do outro. A vergonha não é pudor. Há de se ter pudor, como constituinte da erótica. Mas a vergonha não é necessário, porque ela afasta, quebra a relação, distancia, cria barreiras. Esse é o jardim em que Deus passeia na hora do ocaso: “Em seguida, eles ouviram Javé Deus passeando no jardim à brisa do dia”(Gn.3:8).

Consideramos ainda que no jardim havia ordem, lei e obrigações a serem cumpridas: multiplicai, dominai, cultivar e guardar. E isso, em nada, retirava ou diminuía a erótica das relações, pelo contrário, dava a elas uma existência real, factível. Para viver no paraíso havia uma condição, obedecer à palavra do Deus jardineiro, atentar para a carta de amor daquele que é apreciador dos sonhos humanos, daquele que gostava de passear no fim de tarde, daquele que tem a cor do ouro, do ônix e da pérola. O Deus da Vida exige dos homens a obediência a lei fundamental. Nesse projeto, obediência não é sinal de ignorância, mas de confiança no caráter do Deus pessoal, amigo e cuidadoso, que exigiu. Essa obediência era a possibilidade da manutenção de uma existência da não opressão e morte.

“Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” (Gn. 2:17). A ordem de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, sob pena de morrer era o único limite posto no jardim de Deus: “para que beleza e harmonia continuem, para que haja igualdade e não dominação é necessário ouvir a voz de Deus” (Gallazzi, 1992, p.40). Não comer da árvore que está no meio do jardim exige bem mais do que deixar de comer uma fruta, exige não querer ser igual a Deus. A pretensão de tornar-se autossuficiente é caminho de morte, de perda da erótica do transbordamento e passagem para uma erótica da opressão.

Configuração da erótica fora do jardim: por uma corporeidade da possessão

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriam-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, cozeram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (Gn. 3:6-7). Neste relato sagrado, por isso mesmo mítico, o primeiro casal escolheu desobedecer e ao preferir ser igual a Deus tornaram-se menos humanos. Foi por causa desta escolha, que o jardim, lugar de delícias se fechou: homem e mulher foram expulsos. Eles passam a conhecer a fadiga e a dor. O trabalho deixou de ter uma característica de realização, para ser de cansaço. Da natureza farta do jardim passam a viver num lugar de espinhos. E de um relacionamento de igualdade e reciprocidade tornou-se espaço de hostilidade, dominação e subjugação. Essa “expulsão do jardim” se refere primeiramente ao resultado das escolhas. Nós nos constituímos em nossas escolhas.

Eles optaram pela desobediência ao Deus da vida. E para além da serpente ou do fruto, a sedução maior foi querer ser como Deus. A escolha deles implicou uma substituição do jardim ou melhor na retirada do jardim de dentro deles. Eles foram expulsos do jardim, porque o jardim não estava mais neles. O paraíso é uma condição de dentro e fora, ao mesmo tempo; mais do que um local para ser alcançado é um lugar que já existe dentro. Sobre esse conhecimento afirmava o peregrino Silesius: “Homem, se não tiveres primeiro em ti o Paraíso, acredita-me, jamais entrarás nele” (1996, p.68)

“E Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. Ele banuiu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn. 3:23-24). A “expulsão” simbolicamente representou a instalação da morte. Então, fora do jardim e diante da morte, o primeiro casal foi constituindo outra corporeidade

e conseqüentemente outra erótica, desenvolvida por filhos, netos e por gerações inteiras que se seguiram.

O relato de Caim (Gn.4:16-17; 19, 23) mostra como o filho do primeiro casal, resolveu não fazer do solo onde estava um jardim, mas após matar seu irmão, ele “conheceu sua mulher” e “tornou-se um construtor de cidade e deu a à cidade o nome de seu filho, Henoc” (Gn.4:17). Ao invés do jardim uma cidade. E, nesta cidade, seu neto Lamec, torna evidente uma erótica da dominação. A cidade criada era a inversão do Éden. As mulheres viviam subjugadas por um dominador que as mantinha em silêncio sobre ameaça de morte.

Esta relação erótica de Lamec, para com suas duas esposas, é protótipo da totalidade erótica de toda uma civilização, não só oriental, mas também ocidental, não só primitiva, mas também moderna. Lamec corresponde ao “Eu Conquisto” do homem moderno conquistador de outras terras, tal como do branco português no Brasil Colônia. É o homem varão que mata todos os que se apresentam como ameaça a sua dominação. É a mulher alienada eroticamente pelo varão conquistador e guerreiro.

Lamec também corresponde ao “Eu Penso” descrição redutivamente racionalista do homem de formulação cartesiana. Só ele mercê ser ouvido “[...] ouçam minha voz, mulheres de Lamec”. Só ele possui a palavra, “escutem minha palavra”. Os outros, que não pensam, têm o papel apenas de ouvi-lo para obedecer. Ele é o único que se percebe com consciência e por isso estabelece decretos, leis: “Se a vingança de Caim valia por sete, a de Lamec, valerá por setenta e sete”. A racionalidade é de caráter machista que apoia a dominação.

Por último, e principal em nossa análise, Lamec é o protótipo do “Eu Desejo”, sendo que o desejo é substancialmente de um varão, isto é, o enunciado ontológico fundamental seria: “Eu Sou Corporeidade Fálica”, já que o “falo é, para Freud, o significante privilegiado [...] o significante mais

saliente daquilo que se pode captar no real da copulação sexual” (Lacan, 1971, p. 286). Portanto, Lamec se apresenta como superioridade do macho. Onde sexualmente tem mais energia, daí a necessidade de duas mulheres, sinal de virilidade. Não há o enamorar, antes a agressividade da ameaça de morte.

No ajuntamento do eu conquisto, penso e desejo cria-se uma totalidade erótica da cidade, longe do jardim, constituída desde um “ego fálico” e a mulher fica definida como um “objeto passivo” delimitado, como não-eu (não-falo ou castrada). Cabendo a mulher, nesta erótica perversa, a posição de dominada e reduzida ao não ser diante da totalidade masculina. É bem verdade, que esse lugar de Lamec não foi exercido apenas pelo macho, temos visto quantas mulheres funcionando na erótica da dominação, incorporando uma agressão erotizada dirigida para o interior. “Nossa herança cultural, reforçada por Freud, tende a considerar o macho o ser humano propriamente dito, e a fêmea, um ser derivado dele e a ele subordinado. Assim a construção do masculino e do feminino é um produto cultural, fruto da elaboração psicossocial das diferenças biológicas” (Ludovico, 2010, p.24).

A erótica da pertença, da dominação, da opressão, ou para usar o termo bíblico, erótica “da hostilidade”, não se restringe ao homem biológico, mas uma relação homem-mulher, construída desde a cidade de Caim até o projeto civilizacional contemporâneo. Projeto no qual forjou no homem um olhar para a mulher como um objeto de posse e não mais como “carne da minha carne e osso dos meus ossos”. A erótica não é mais regida pelo principio da vida transbordante, pela criatividade, receptividade, enternecimento, interioridade, espiritualidade, mas pelo principio da dominação. O projeto de ser como Deus havia se tornado uma tarefa civilizacional de impor-se masculinamente (homem e mulher) como soberano, considerando o outro como subordinado e dependente.

Em termos duranianos, psicanalisamos essa erótica, como constructo de um homem assustado, com medo de morrer, que escuta

continuamente a sentença: “Você é pó, e ao pó voltará” (Gn.3:19). Então, numa reação a ameaça da morte, Lamec ou o ser humano lamequiano, que somos todos nós de uma tradição patriarcal, machista e cartesiana, faz um esquema de elevação, criando símbolos verticalizantes pela virilidade. Virilidade em Lamec é símbolo de elevação, de potência, foi um jeito criado de corporalizar-se como o soberano, o chefe político, o cabeça, ou no fim último, o Altíssimo: “Entre os maori, os negros akposo, os australiano do Sudoeste, os Kulin, os Andaman e os fuegguinos a Potência suprema é referida por um nome que quer dizer o Altíssimo, O Elevado” (Durand, 2001, p.136).

Configura-se uma corporeidade da virilidade, da verticalização masculinizada, baseada numa erótica da ereção que esmaga a mulher e mutila o homem. Constrói-se uma sociedade falocrática, forma-se um guerreiro violento, que para elevar-se deve sobrepor-se ao feminino pelos símbolos da virilidade. Numa reação ao psiquismo da queda do paraíso, da expulsão do jardim, o homem lamequiano, pela hostilidade apropria-se da potência, para exorcizar sua impotência. Esta erótica pode ser vista na materialização de pinturas e gravuras rupestres pré-históricas, nos diversos sítios arqueológicos da Serra da Capivara, Nordeste brasileiro. A figura abaixo pertence a Tradição Nordeste, segundo os arqueólogos da região (NiedGuidon e outros), que datam esses achados de 12.000 anos. São figuras dispostas nas paredes rochosas, representando ações e acontecimentos, desenhos de caráter antropomórfico e constituem numa rica “fonte de informação para reconstituir os aspectos da vida das comunidades humanas em épocas pré-históricas”. (Pessis, 2003, p.83).

A imagem da figura 2 revela essa erótica da masculinização da potência, que esboça um modo de atuação, simbolizada pela hostilidade e animalidade. O pênis agigantado, do amanhã de uma perna, apontado para cima e elevando um outro no ato sexual expressa uma corporeidade que ostenta um agressividade viril com a dominação do outro.



Esta imagem como milhares de outras, pré-históricas ou pós-modernas, são expressões frustradas da reconquista de uma potência perdida, de um tónus degradado pela queda: confunde ascensão de si com a ereção do pênis. Não há interiorização para encontrar-se com o meminho de dentro, mas apenas exteriorização da conquista, do aumento do poderio, numa expressão de quase antífrase da sexualidade. Sobre esse isomorfismo de verticalização soberana, esclarece Durand (1988, p. 9) “Estes símbolos constelam ao redor da noção de Poderio e são as garantias arquetipais do Todo Poderoso benéfico. Através deles, a psique, a mais primitiva, anexa o poder, a virilidade do Destino, separa a traidora feminilidade, apropria-se magicamente da força, abandonando, vencido, o despojo temporal e mortal”.

Considerações Finais

A partir daí, ao longo da história, parares de uma corporeidade dos amantes, o jardim, dantes recebido como dom e depois fechado por espadas flamejantes, torna-se uma realidade de destino, de inspiração, de aproximação de confiança no Deus amoroso e de luta contra aqueles que querem permanecer numa erótica da cidade lamequiana. Nesse texto, “o jardim deixa de ser símbolo cada vez mais longínquo de um sonho futuro a ser realizado para tornar-se ponto de partida” (Gallazzi, 1992, p.42). É na busca por uma corporeidade transbordante, liberta do arquétipo do cetro soberano, e da virilidade como ascensão, que nos dirigimos a fazer da cidade um jardim dos amantes.

Assim, o jardim será das mulheres e dos homens capazes de acreditar nele e de procurá-lo, ultrapassando o medo, desafiando o poder falocrático dos machos com suas leis que fecham os jardins da vida e semeiam a morte. O jardim é dos homens e mulheres que receberam o sopro de Jesus, o Vento espiritual para não perder-se nas competições ou competências, que fazem a opção pelo amor a Deus, a si, ao outro e ao entorno. Nessa espiritualidade sexualizada resistimos aos opressores externos e internos que não querem reconciliação, mas insistem em manterem-se presos numa corporeidade da possessão.

O Deus do Jardim nos dá além da ternura a vivência da alegria, do transbordamento de estar ao lado de quem se ama, construindo com intrepidez, mas sem hostilidade, uma relação com o mundo como experiência de delícia, com a beleza e fartura do entorno e com o outro como o(a) amando(a) da alma. Estar amando significa enfrentar os inimigos do jardim, que são os inimigos de Cristo, significa fazer escolhas por uma relação onde só Deus seja o soberano. Esse imaginário do jardim não é utópico, lugar que não existe, mas já é tópico, quando existe pessoas que fazem a opção por viverem essa erótica da conciliação, numa corporeidade do transbordamento.

Referências

- ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. 2.ed. Campinas/SP: Papyrus, 1999.
- BOEHME, Jacob. *Aurora nascente*. SP: Paulus, 1998
- BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. RJ: Sextante, 2006
- DUSSEL, H. *Por uma ética da libertação latino-americana III*. SP: Loyla; Piracicaba: UNIMEP, 1987
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 17 ed. RJ: José Olympio, 2002.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas Antropológicas do imaginário*. 2.ed. SP: Martins Fontes, 2001.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Tradução de Eliane Fitipaldi Pereira. SP: Cultrix, 1988.
- ECO, Umberto. *Interpretação e história*. Lisboa: Presença, 1993.
- GALLAZI, Ana Maria. Entre desertor e jardins. *Revista Tempo e Presença*. RJ: CEDI, 14, n.263, maio-junho, 1992, p.40-42.
- GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. Tradução de Benôni Lemos. SP: Paulus, 2005.
- GOMES, Eunice Simões Lins. *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. 2ed. João Pessoa: Ed.UFPB, 2011.
- GOMES, Eunice Simões Lins. A palavra ação de Jesus: uma mitocrítica do Evangelho de Marcos. In: POSSEBON, Fabricio (Org.). *O evangelho de Marcos*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010, p.9-23.
- GOMES, Eunice Simões Lins, SILVA, Leyla Thays Brito da. O prantear feminino-da dor ao heroísmo: uma análise mitocrítica no evangelho apócrifo de Pedro. In: GOMES, Eunice Simões Lins (Org.). *Em busca do mito*: João Pessoa: Ed.UFPB, 2011, p.83-107.
- GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES, Eunice Simões Lins. *Malhação: corpo juvenil e imaginário pós-moderno*. João Pessoa: Ed.UFPB, 2010.
- GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. *O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade*. João Pessoa: Ed.UFPB, 2011.
- HEINZ-MOHR, Gerad. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. SP: Paulus, 1994.
- JUNG, C.G; WILHEM, R. *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LACAN, Jacques. *Lectura estruturalista de Freud*. Tradução de Tomás Segouvia. México: Siglo XXI, 1971.
- LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. SP: Mundo Cristão, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PRADO, Adélia. O amor no éter. In: *Terra de Santa Cruz*. 2.ed. RJ: Guanabara, 1986.

Sobre os autores

Pierre Normando Gomes-da-Silva: Educador e teólogo, professor doutor, lotado no Departamento de Educação Física, da Universidade Federal da Paraíba, Prof. no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, líder do Grupo de Estudos e pesquisa em Corporeidade, Cultura e Educação – GEPEC-CNPq. pierrenormandogomesdasilva@gmail.com

Eunice Simões Lins Gomes: Teóloga, Profª Doutora no Departamento de Ciências das Religiões, Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, Profª no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia do Imaginário – GEPAI-CNPq – euniceslgomes@gmail.com